

SE CADA UM TEM UM CORPO, POR QUE O CORPO TEM QUE SER UM?

Um estudo de caso na Educação Física Escolar¹

Maria de Nazaré Pereira da Silva

Licenciada em Educação Física pelo UNICEUMA. nazareeducacaofisica@hotmail.com

Jozimar Prazeres

Professor do Curso de Educação Física do UNICEUMA. jozimarprazereshotmail.com

Lucio Carlos Dias Oliveira

Professor do Curso de Educação Física da UFMA/CCHNST/PINHEIRO.

Oliveira_luciodias@hotmail.com

RESUMO

O “culto ao corpo” coloca-se na sociedade como preocupação geral, que perpassa por todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética e ora da preocupação com a saúde. No entanto, a maneira como ele se realiza dentro de cada grupo é diversificada. Este trabalho pretende levar a uma reflexão sobre a ditadura do corpo, nas sociedades contemporâneas, com o objetivo de levar as pessoas a pensarem na seguinte questão: se cada um tem um corpo, por que o corpo tem que ser um? Com a finalidade de conhecer informações sobre a aceitação do corpo que cada um tem, e como tudo isso pode interferir na autoestima dos adolescentes e jovens. A pesquisa foi realizada em uma escola com grupos de alunos da rede Privada, da cidade de São Luís – MA, verificando qual a relação que os mesmos tenham com seu corpo e a aceitação desses indivíduos no meio em que estão inseridos.

Palavras – chave: Auto estima; Auto aceitação; Sexualidade; Ensino aprendizagem; Educação Física Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo buscou fazer uma reflexão sobre o corpo como um objeto de compra e venda, como um importante veículo de ascensão social, tornando-se um acessório, remontado, imperfeito, um rascunho a ser corrigido e transformado, um lixo que pode ser varrido para debaixo de um tapete, chamado ilusão. Uma ilusão fomentada todos os dias pelos meios midiáticos, “meios de comunicação social”, responsáveis pela difusão das informações, como rádios, jornais, revistas, televisão, vídeo, entre outros, impulsionados basicamente pelo processo de massificação a partir dos anos 1980, onde o corpo ganha mais espaço (CAMARGO, 2013). Não por acaso surgem, nesse período,

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

as duas maiores revistas brasileiras voltados para o tema: “Boa Forma” (1984) e “Corpo a Corpo” (1987), além da TV e outros meios. O uso desses recursos tem contribuído para venda de uma série de problemas criados pela busca de um corpo perfeito. Um comportamento aceito pela nossa sociedade e compreendido, por esta, ilusoriamente, como “saúde”.

Baudrillard (2008, p. 25-26) fala o seguinte a esse respeito:

Vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real. Segurança miraculosa: ao contemplarmos as imagens do mundo, quem distinguirá esta breve irrupção da realidade do prazer profundo de nela não participar. A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que consumimos, é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mas do que compromete, a alusão violenta ao real.

Entendida como consumo cultural, a prática do culto ao corpo coloca-se hoje como preocupação geral, que perpassa todas as classes sociais e faixas etárias, apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde. Segundo Pierre Bourdieu, sociólogo francês, a linguagem corporal é marcadora pela distinção social, que coloca o consumo alimentar, cultural e forma de apresentação – como o vestuário, higiene, cuidados com a beleza etc. – como os mais importantes modos de se distinguir dos demais indivíduos. (CAMARGO, 2013)

Levando em conta os aspectos acima citados, é que se torna importante a elaboração de um material que visa dar suporte teórico e metodológico para uma prática educativa transformadora, comprometida com a formação de adolescentes e jovens felizes, levando-os a terem um novo olhar sobre si mesmo, em busca não de um corpo belo ou perfeito, mas de um corpo saudável que lhes traga benefícios pessoais e sociais, sem esquecer suas especificidades e individualidades e que os ensinem a respeitar seus limites, limitações e diferenças. Sabendo que cada corpo é um, único e diferente dos demais.

Se após esse estudo, os jovens começarem a não mais aceitar a ditadura do corpo perfeito e nem a pressão exercida pela mídia, grande parte do objetivo terá sido atingido, e isso só começará a acontecer quando os profissionais da área de educação física começarem, desde cedo, a desmistificar tudo isso em suas aulas, na escola ou nas academias de esporte. Lembrando que o mais importante não é a beleza do corpo, mas a saúde e bem estar físico e mental.

2 DESENVOLVIMENTO

É muito instigante escrever sobre o corpo, principalmente dentro de uma perspectiva pedagógica, pois esse é um assunto que trata não só da questão física, mas psicológica e estética. Um trecho da obra “Da Educação Physica”, de Fernando Azevedo (1920 apud BAGRICHEVSKY e PALMA, 2004, p. 58) ilustra bem essa afirmativa.

[...] a beleza corporal e, sob o ponto de vista psicológico, a coragem, a iniciativa, a vontade perseverante, ou, em uma palavra, certas aptidões morais, além do equilíbrio funcional dos órgãos, que é a expressão e o índice da saúde do corpo, e, por fim, a beleza na forma e no movimento. Deve ela, pois, na concepção moderna, tender, não ao engrossamento do músculo, mas ao desenvolvimento racional de todos os órgãos e de todas as funções, para chegar, por um treinamento, isto é, por uma progressão lenta, gradativa e metódica, a favorecer o desenvolvimento do sistema nervoso e a coordenação de suas manifestações, e a facilitar assim todos os atos da vida, pondo uma alma sã num corpo igualmente sadio e vigoroso.

Não se pode vincular os objetivos, apenas em proporcionar a formação do desempenho motor ou a saúde biológica corporal, compreendendo saúde em uma visão mais holística e integral. Construir uma compreensão profunda e reconhecimento deste corpo e sua função social, distanciada do reconhecimento de ferramenta do sistema social, escravo da beleza estética da mídia.

De acordo com Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) ao tratar sobre a mídia e cultura corporal do movimento diz que

"a mídia está presente no cotidiano dos alunos, transmitindo informações, alimentando o imaginário e construindo um entendimento de mundo. Os alunos permanecem muitas horas diante do aparelho de televisão, que hoje rivaliza com a escola e com a família como fonte de formação de valores e atitudes. (...) No caso do esporte, a televisão produziu uma nova modalidade - esporte espetáculo - que se apoia na sofisticação de modernos recursos tecnológicos (...) o close, a câmera lenta, o replay, os recursos gráficos propiciados pela informática (...) tornam quase todas as modalidades espetáculos em potencial". (PCN's / MEC, 1988, p. 31- 32).

No entanto trata-se de um conhecimento imprescindível para a formação de pessoas saudáveis e equilibradas e é de extremo interesse para educadores físicos. Por esse motivo, é importante a busca de pesquisas que tenham respostas para esse tema presente no dia a dia.

Conclui os PCN's: "Portanto, a Educação Física deverá manter um permanente diálogo crítico com a mídia, trazendo - a para dentro da escola como um novo dado relacionado à cultura corporal de movimento". (PCN's / MEC,1988, p. 34).

Muitas ciências, ou porque não dizer todas, se ocupam de alguma forma do corpo, quer seja no aspecto físico, psicológico, neurológico ou estético. Stenzel (2003, p. 23 – 24), em sua obra: “Obesidade: o peso da exclusão”, afirma que:

Todas as tentativas de conceituar a beleza fazem parte do campo de pesquisa de estudo da Estética. A Estética, como vimos anteriormente, é um campo de pesquisa amplo – histórico, científico e filosófico -, porém não resta dúvida de que foram os filósofos os primeiros a tentar desvendar a natureza do belo. Os filósofos tentavam descrevê-la, já os artistas tentavam capturá-la. Através de proporções geométricas, os artistas projetavam sistemas de medidas para a beleza do corpo humano.

Porém todo conhecimento sobre o corpo é insuficiente e interminável, pois a cada dia surgem novos estudos, debates ou reflexões sobre esse tema. Sobre isso Stenzel (2003, p. 22), diz:

As representações de beleza, e os valores a ela conferidos foram mudando ao longo do tempo. O que consideramos belo hoje, pode não ter sido no passado, assim como padrões de beleza do passado já não servem mais para a sociedade moderna. Da mesma forma ocorre nas diferentes culturas, cada qual com suas especificidades no que se refere à beleza do corpo. Dentro desta perspectiva, o conhecimento e os conceitos que temos do corpo, bem como do belo (ou do corpo belo) são produtos de uma construção histórica, que influenciam e determinam como pensamos o corpo hoje.

Numa sociedade narcisista em que se convive com a supervalorização do corpo, e com os constantes bombardeios dos meios de comunicação que exibem a todo instante, modelos de corpos considerados perfeitos e belos, determinando dessa maneira um padrão a ser seguido, um padrão único para todos. Quem não se enquadra nesse modelo é discriminado.

A busca pelo corpo perfeito tornou-se assim, uma obsessão, ultrapassando todos os limites do bom senso, levando jovens, adolescentes e até mesmo adultos a cometerem absurdos para alcançá-lo, comprometendo assim a saúde física e mental nessa busca desenfreada pelo corpo ideal. Tudo isso se confirma quando observa-se os números alarmantes de casos de bulimia e anorexia em meio aos nossos jovens e até crianças. Ou no caso dos meninos, o uso desenfreado de anabolizantes. Ainda convém ressaltar o excesso de preocupação que os leva a se submeterem a dietas rigorosas, a

inúmeras intervenções cirúrgicas, implantes de silicones, tudo isso para ter um corpo compreendido como “perfeito”.

Costa e Venâncio (2004 apud BAGRICHEVSKY et al, 2006, p. 27) argumentam que:

Nesse momento é importante realçar a idéia central de Habermas sobre o enfraquecimento da ação comunicativa quando uma parte dos profissionais de Educação física está deixando de apresentar um posicionamento crítico e ético diante da ação da mídia e dos avanços biotecnológicos. Estes profissionais estão paulatinamente valendo-se do uso da razão instrumental ao expor e transformar o corpo através de atividades físicas, dietas, drogas e do consumo de imagens ideais de atletas. Eles corroboram os discursos de controle do corpo que a mídia produz ao fazer da atividade física (associada à biotecnologia) uma possibilidade de corresponder ao padrão de beleza em nome da saúde.

A sociedade em meio a tudo isso, se justifica, dizendo que tudo é em busca da felicidade, da harmonia nos relacionamentos tanto familiares, quanto sociais, além da justificativa de que a pessoa se sentirá melhor se for aprovada e admirada por todos aqueles que a cercam.

Contudo o ser humano necessita de tempo para encontrar seu espaço, onde são marcados pela pressão de uma camada da sociedade seletiva, que não perdoa os que não seguem os seus padrões, mesmo que em busca de um fim inatingível e que com certeza ameaça o bem estar de muita gente, que se vêem forçados a aceitar suas regras ou ficam à margem. Alguns ao longo dessa viagem (busca) sentem-se humilhados, diminuídos, dão lugar à depressão e enxergam a própria imagem distorcida, ou seja, carregam sobre si o pesado fardo do complexo de inferioridade, que os massacra e os escraviza.

Os Movimentos Eugênicos e Higienista - corporificados no Brasil no início do século XX (Soares, 1994) – podem ser considerados os precursores ideológicos da apologia ao ‘estilo de vida ativo’, cujos ditames impositivos já se encontram de tal modo arraigado no imaginário popular da atual sociedade, que são capazes de gerar um forte sentimento de culpa nas pessoas que ‘resistem’ em demonstrar inclinação para ‘descobrir’ as supostas benesses proporcionadas à saúde ou, cujos corpos se afastam da normalidade canônica de uma silhueta sempre magra, jovial e esbelta. (BAGRICHEVSKY et al, 2006, p. 28)

Aqui se aprofunda a confusão e retoma-se a questão patológica do tema em questão, a busca exagerada pela beleza do corpo a qualquer preço, o que certamente se constitui em uma doença que faz muito mal e precisa ser tratada com urgência, pois muitas vezes, os resultados dessas irresponsabilidades são irreversíveis. A sociedade

atual, não pesa os prós e os contras de suas atitudes, cabe, no entanto ao profissional de educação física, enquanto veículo de saúde, zelar pela saúde dos alunos, na escolha correta na busca do equilíbrio como meio para um corpo saudável.

Vale ressaltar um lembrete de Hugo Lovisolo em seu artigo “Em defesa do modelo “JUBESA” (juventude, beleza e saúde), integrante da obra: A SAÚDE EM DEBATE NA EDUCAÇÃO FÍSICA, VOLUME 2.

Lembremos, no entanto, que a adesão ao modelo JUBESA pode conduzir a situações paradoxais ou contraditórias: o exagero de sua procura que pode acarretar anorexia, consumo desesperado, intervenção plástica; enfim, o uso imoderado dos recursos que propõe pode, até, gerar efeitos contrários aos desejados. ((BAGRICHEVSKY et al, 2006, p.171)

Dessa forma o corpo transforma-se a cada dia em corpo padronizado, produzido em clínicas de estética e academias de ginástica, como resultado dos excessos que segundo Le Breton, é o chamado extremo contemporâneo. A tecnociência com seu discurso de que graças ao avanço científico, o corpo pode ser aperfeiçoado, ou corrigido, tendo como resultado a promessa de uma transformação radical, onde os velhos ficarão novos, os feios ficarão bonitos e a tão sonhada, juventude eterna, será alcançada, leva os jovens a perderem sua identidade dentro do próprio corpo, pois aderem ao modelo de um corpo globalizado, ofertado pela mídia.

2.1 O corpo esteticamente correto

O corpo que se diz esteticamente correto é aquele corpo trabalhado, cuidado, sem manchas, sem rugas, estrias, celulites e sem excesso de gordura e flacidez. Na verdade é o corpo que pode ser exibido, moldado, enfeitado, escolhido, construído produzido, imitado. É o corpo exigido pela mídia. É o corpo que está em alta na moda, onde a roupa torna-se apenas um acessório para valorização e exposição. Essa super valorização do corpo esteticamente correto (perfeito), levou principalmente os jovens a desejarem essa tão sonhada perfeição do corpo, sem porém, se preocuparem com as conseqüências de tudo isso. Sem se importarem com o preço a pagar. Pois para eles o que importa não é ter um corpo, e sim ter “o corpo”. E ter esse “corpo”, conduz as pessoas a um estilo de vida sacrificante e a seguirem um conjunto de normas de conduta bastante difícil, mas que traz como recompensa a gratificação de pertencer a grupo de valor superior. Le Breton (2003, p. 16), em seu livro ADEUS AO CORPO, fala o seguinte sobre essa moldagem do corpo:

O corpo é declinado em peças isoladas, é esmigalhado. Estrutura modular cujas peças podem ser substituídas, mecanismos que lhe sustenta a presença sem lhe ser fundamentalmente necessário, o corpo é hoje remanejado por motivos... De conveniência pessoal, às vezes ainda para perseguir uma utopia técnica de purificação do homem, de retificação de seu ser no mundo.

Diante de tudo isso se observa que o homem reinventa seu corpo, e brinca de ser “Deus”, manipulando, mudando e moldando seu corpo como melhor lhe parece. E sempre há algo a ser modificado. Torna-se algo inacabado, pois o conceito do belo e de perfeição é rotativo e temporário. As ciências colaboram também com esse anseio e essa necessidade de constantes mudanças. Le Breton (2003, p. 18) fala que: “a biotecnologia ou a medicina moderna privilegiam o mecanismo corporal, o arranjo sutil de um organismo percebido como uma coleção de órgãos e funções potencialmente substituíveis”.

Percebe-se que as pessoas já não se sentem mais satisfeitas com seu corpo, não se contentam mais com o que têm, e com isso buscam modificá-lo, completá-lo ou torná-lo da forma que desejam ou que sonham, uma imagem ditada pela mídia. Pois, sem dúvida, a mídia é maior divulgadora dessa imagem ilusória de um corpo perfeito e belo para todos. Com isso levou as pessoas a mudarem sua relação com o corpo, levando-as a uma atitude obsessiva de busca pela forma e pela saúde, transformada em um verdadeiro culto ao corpo. MOREIRA (2006) diz que tudo isso levou as pessoas a terem uma grande preocupação com a “aparência, importando mais o parecer aos outros do que o ser”, ou seja, conforme ele mesmo fala “transformação da moral dos sentimentos em moral do espetáculo”.

Vale ressaltar também o crescimento da indústria do corpo, com ofertas constantes de produtos voltados para a beleza corporal (cremes anti-rugas e anti-celulite; aparelhos para reduzir a barriga ou fortalecer determinados músculos; linhas diet ou light; implantes; próteses), enfim uma variedade de produtos que prometem conduzir as pessoas a uma vida supostamente mais feliz, e esteticamente prazerosa. E com a ajuda dos meios midiáticos, a sociedade impõe suas regras, onde só serão admitidos aqueles que se afinarem com seus preceitos de qualidade de vida, onde segundo Costa (2004, p. 191), “o justo é o saudável; o reto é o que se adapta ao programa da vida bem-sucedida, do ponto de vista biológico”.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipos de Pesquisa Análise de narrativas textuais e imagéticas na Educação Física

Esta investigação foi um estudo descritivo e exploratório, de campo, que teve como intuito, analisar as narrativas textuais e imagéticas na Educação Física, tendo como informações o tipo de aceitação do corpo que cada um tem, podendo interferir na autoestima dos adolescentes. A pesquisa foi realizada com grupos de alunas de uma escola particular, da cidade de São Luís – MA, verificando qual a relação que os mesmo têm com seu corpo e a aceitação deste indivíduo no meio que esta inserido.

3.2 Períodos da pesquisa

A pesquisa foi realizada no mês de Maio de 2013, durante o horário de aula, no turno matutino.

3.3 Local

A pesquisa foi realizada no bairro da Cohama com um grupo de alunas de uma escola particular, onde as adolescentes tem aulas de educação física as segundas, terças, quartas, quinta e sexta feiras de 7:10 às 10:40 h.

3.4 População e amostra

Para realização desse estudo a população foi composta de adolescentes do sexo feminino matriculadas no ensino fundamental de uma escola particular do bairro da Cohama na cidade de São Luis – MA. A amostra selecionada para a pesquisa correspondeu à participação de 06 (seis) adolescentes do sexo feminino, matriculadas na mesma escola.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Como instrumento para coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada aplicada as adolescentes do sexo feminino, de forma igual. Tinha como objetivo avaliar a autoestima dos participantes, a aceitação e conflitos deles em relação a seu corpo.

As entrevistas levantaram algumas informações sobre a autoestima do indivíduo, não exigindo conhecimentos especiais para a sua realização, e os seus resultados foram dependentes apenas da capacidade de responder a algumas perguntas e da visão que cada um tem de si.

3.6 Análises de dados

Os dados foram coletados através da pesquisa de campo, sendo, logo após, discutidos com base na análise de discurso dos atores envolvidos na pesquisa.

3.7 Aspectos Éticos

Um formulário de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), contendo as informações sobre o estudo e as condições de participação, foi apresentado aos participantes para ser assinado. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sobre o aspecto voluntário da participação, com preservação do anonimato. Assim que os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciaram-se os testes.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra selecionada da pesquisa corresponde à participação de 06 (seis) adolescentes do sexo feminino. A participação foi voluntária e a coleta de dados aconteceu no mês de junho de 2013 em uma aula de educação física, na quadra de esportes de uma escolar particular, em São Luís/MA.

Antecedendo o trabalho de campo, aconteceu uma explanação detalhada sobre o tema, onde foram esclarecidos alguns aspectos da escolha do tema em questão, os prós e os contras e após tudo isso houve um interesse expressivo por parte das garotas as quais se propuseram a participar voluntariamente da pesquisa. As seis garotas participantes correspondem à faixa etária entre 13 e 14 anos de idade.

Ao analisar algumas das questões, observa-se a recorrência da necessidade de mudança em alguma parte do corpo, visando à perfeição ou ao que mídia chama determina como padrão. Também se observa o descontentamento com o corpo, em decorrência da exclusão em determinados momentos da vida por conta de alguma aparente desconformidade com os padrões exigidos pela sociedade através dos meios de

comunicação. Quando perguntadas se desejariam mudar algo em seu corpo, a maioria respondeu que sim, porque achava feio ou porque não estava dentro dos padrões exigidos pela mídia ou até mesmo pelo que elas observavam nas mulheres consideradas bonitas ou com um corpo perfeito.

Foi perguntado a elas se os meios de comunicação exerciam algum tipo de influência negativa na busca por este corpo perfeito e a resposta foi unânime: “sim”, afirmando que existe uma pressão muito grande da mídia nesse aspecto o que ratifica a posição de Pierre Bourdieu quando afirma que a posição social é marcada pela linguagem corporal e pelo consumo que determina a forma de apresentação (CAMARGO, 2013). Pois a mídia é responsável pela difusão de todos os benefícios ou malefícios, transmissão de valores, padrões de comportamento ou conduta de um grupo. Principalmente para os adolescentes, os meios de comunicação contribuem de forma inegável para um aprendizado sobre modos de se comportar e de constituição de si mesmo.

Em outra questão foi perguntado a elas: “Se cada um tem um corpo, porque o corpo tem que ser um?”. Quase todas, ou seja, cinco das adolescentes atribuíram à mídia a responsabilidade da exigência de corpo único, como padrão para todos, levando os adolescentes e jovens a fazerem sacrifícios extremos para alcançar esse padrão. Para Baudrillard (2008) os signos e as imagens repassados pela mídia mascaram o real, mascaram e distanciam os adolescentes. Os resultados desses extremos são simplesmente desastrosos, de onde resultam doenças e distúrbios tais como bulimia, anorexia e outros distúrbios psicológicos.

Ao serem perguntadas se já se sentiram excluídas por causa do seu corpo, responderam unanimemente que sim, principalmente nas lojas de roupas que sempre adotam tamanhos pequenos ou únicos, que correspondem a um tipo único de corpo, como se todos fossem iguais. E também nas academias de ginástica, onde acontece sempre uma exibição de padrões, muitas vezes difíceis de serem atingidos, a não ser que se recorra a métodos extremos, como cirurgias estéticas, implantes de próteses, ou ainda uso indiscriminado de anabolizantes. Esse culto ao corpo é colocado por Camargo (2013) como preocupação geral, tendo em vista que este culto acaba, em algumas situações, lançando mão da preocupação com a saúde.

Mais uma vez levanta-se a questão de os profissionais de educação física adotarem uma postura crítica, tentando desenvolver uma atitude dialógica com outros campos do saber para tentar desmistificar esse pensamento da ditadura do corpo perfeito. A Educação Física deve se colocar como vigilante e promotora de uma nova visão do corpo, não como algo padronizado ou único, mas como algo individual e cheio de especificidades que devem ser levadas em conta, quando o assunto prioritário é ter um corpo saudável e não ter um corpo perfeito.

5 CONCLUSÃO

Observa-se que em meados do século XX, com o avanço dos meios de comunicação, o corpo perdeu sua identidade e passou a ser massificado e globalizado. As pessoas deixaram de ter um corpo próprio, com características individuais e passaram a perseguir uma imagem ilusória de perfeição, aderiram a um modelo ditado pela mídia e pela sociedade narcisista que prega uma qualidade de vida, a qual sugere um modelo padronizado para todos (o modelo JUBESA). Não importando para tanto, o quanto custe ou quais problemas trará, ou ainda de que maneira poderá ser alcançado, pois quem não segue esse padrão, está fora – é discriminado.

No entanto vale ressaltar que, mais importante do que a imagem distorcida de perfeição e beleza, é a certeza de uma vida saudável e que conduza a um estilo de vida que harmonize corpo, alma e espírito e que não cause danos irreversíveis, e em muitos casos até morte.

Embora essa febre pela beleza e pela busca do corpo perfeito, tenha se alastrado, é possível ponderar sobre o assunto e reverter a situação. E o veículo de mudança desse quadro caótico que hoje se instalou, principalmente em meio aos jovens, é o **profissional de educação física**, que pautado em sua ética profissional, lutará para mudar esse conceito errado que se tem sobre o corpo, na busca de temas voltados para a real saúde do corpo e não focado na estética. Só assim as pessoas terão a cada vez mais esclarecimento, e conseguiram escolher por um corpo saudável ou um transformável, mas sabendo cada um o valor do seu próprio corpo – sua identidade em relação à saúde.

ABSTRACT

The "cult of the body" is placed in society as general concern that permeates all sectors, social classes and age groups, supported by a discourse that sometimes resorts to

cosmetic issue and now the health concern. However, the way it is held within each group is varied. This work intends to reflect on the dictatorship of the body, in contemporary societies, in order to get people to think about the following question: if each one has a body, the body has to be one? In order to know about the acceptance of the body that each one has, and how this can affect the self-esteem of adolescents and youth. The research was conducted in a school with groups of students from the private, the city of São Luís - MA, checking what relationship they have with the same body and the acceptance of these individuals in the environment where they live.

Key - words: Esteem, Acceptance, Conflicts and problems. Teaching and learning of physical education

REFERÊNCIAS

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre. **Questionamentos e incertezas acerca do estatuto científico da saúde:** um debate necessário na educação física. R. da Educação Física/UEM. Maringá, v. 15, n. 2, p. 57-66, 2. sem., 2004.

BAGRICHEVSKY, Marcos et al. **A saúde em debate na Educação Física.** Volume 2. Blumenau: Nova Letra Gráfica & Editora, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Arte e comunicação, 2008.

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campina – SP, Papyrus, 2003.

CAMARGO, Orson. **Mídia e o culto à beleza do corpo.** Disponível em <<http://www.brasilecola.com/sociologia/a-influencia-midia-sobre-os-padroes-beleza.htm>>. Acesso em mai 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GOFFMAN, E. **Representação do eu na vida cotidiana.** Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1975.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.

MEDRADO, Gabriela. **Momentos:** A Busca da Beleza do Corpo nos Dias Atuais. Disponível em <gabrielamedrado.blogspot.com/.../busca-da-beleza-do-corpo-nos-dias> Acesso em 20 de set 2012.

MOREIRA, Wagner Wey. **Século XXI:** a era do corpo ativo. Campinas: Papyrus, 2006.

PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RECTOR, M., ALUIZIO, R. **Comunicação do corpo.** São Paulo: Ática, 2003.

Reflexões sobre o corpo e a Educação Física. Disponível em
<<http://pt.shvoong.com/medicine-and-health/1731162-corpo-na-sociedade-atual/#ixzz27V97Ksxf>> Acesso em 20 de set 2012.

STENZEL, L, M. **Obesidade:** o peso da exclusão. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.